ESPAÇO EM REVISTA
ISSN: 1519-7816

IMPACTOS DA GLOBALIZAÇÃO DA ECONOMIA NA INDÚSTRIA METALMECÂNICA DA CIDADE DE TABULEIRO DO NORTE (CE)

Daniel Rodrigues Silva Luz Neto

Mestrando em Geografia na Universidade de Brasília (UnB). Grupo de Pesquisa GEAF-UnB
E-mail: danieltabuleiro1@gmail.com

Resumo

O Brasil se abre com maior intensidade para o processo de globalização da economia a partir da década de 1990. Isso fez com que houvesse o aumento da competitividade desfavorável dos pequenos setores produtivos em relação aos grandes. Dessa forma, a indústria metalmecânica na cidade de Tabuleiro do Norte, Ceará, não foi diferente, por pertencer a esse cenário também sofreu com o movimento da totalidade, pois nesse contexto de mundo o local-global, tentam confluir em prol da mais valia global. Diante disso, este trabalho tem como objetivo investigar os fatores da permanência dessa indústria perante a competitividade na globalização da economia brasileira. Para isso, lançou-se mão dos procedimentos metodológicos e técnicos respectivamente de pesquisa bibliográfica e de campo. Obteve-se como resultados que o elemento principal da sua permanência diante do cenário brasileiro de competitividade industrial é a sua vocação histórica no setor na região jaguaribana e dos tabuleirenses no ramo metalúrgico e mecânico. Tal característica se destaca em virtude da tradição local de passar o saber-fazer às gerações futuras desde o final do Século XIX que tem influenciado no recorte temporal desta pesquisa de 1990 a 2010.

Palavras-chave: Globalização. Competitividade. Economia. Indústria. sobrevivência.

IMPACTS OF THE GLOBALIZATION OF THE ECONOMY IN SMALL PRODUCTIVE SECTORS: the case of metalworking in Tabuleiro do Norte (CE)

Summary

Brazil has opened up more intensively to the process of globalization of the economy since the 1990s. This has led to an increase in the unfavorable competitiveness of small productive sectors in relation to large ones. Thus, the metalworking industry in the city of Tabuleiro do Norte, Ceará, was not different, because it belonged to this scenario also suffered from the movement of totality, because in this context of the global-local world, they try to come together for the global added value. In view of this, this work aims to investigate the factors of the permanence of this industry in the face of competitiveness in the globalization of the Brazilian economy. For this, methodological and technical procedures of bibliographical and field research were used. It was obtained as results that the main element of its permanence before the Brazilian scenario of industrial competitiveness is its historical vocation in the sector in the region jaguaribana and of the tabuleirenses in the metallurgical and mechanical branch. This characteristic stands out because of the local tradition of passing the know-how to future generations since the end of the 19th century, which has influenced the temporal cut of this research from 1990 to 2010.

Key words: Globalization. Competitiveness. Economy. Industry. Survival.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo investigar os fatores responsáveis pela permanência da indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte Ceará no contexto de globalização da economia brasileira a partir da década de 1990 a 2010. A ideia da elaboração deste trabalho surgiu inicialmente por meio de algumas leituras e reflexões acadêmicas sobre a produção do espaço pela atividade industrial na globalização da economia brasileira.

Nesse sentido, discussões teóricas levou-nos a focalizar este estudo nas relações competitivas entre as grandes e pequenas indústrias no contexto da reestruturação produtiva do espaço brasileiro a partir de 1990. Diante disso, as políticas públicas passaram a ser orientadas ainda mais pelos receituários neoliberais outrora iniciados na década de 1980. Dessa maneira, foi promovida a abertura da economia nacional para se inserir na competitividade e na seletividade territorial em prol da expansão do grande capital.

Sendo assim, foram incorporados uma gestão no processo produtivo pautado na flexibilidade das relações trabalhistas; incorporação de tecnologias; desconcentração dos centros produtivos; e produzir na quantidade certa para evitar desperdício de recursos dentre outros. Essas mudanças socioprodutivas com a imposição do neoliberalismo pelo modelo japonês de produção *Just-in-time* modificaram as relações produtivas e as organizações das indústrias locais para se adaptarem a tal contexto.

Não obstante, nem todos os setores produtivos conseguiram tais modernizações produtivas como no caso da indústria metalmecânica na cidade de Tabuleiro do Norte, Ceará.

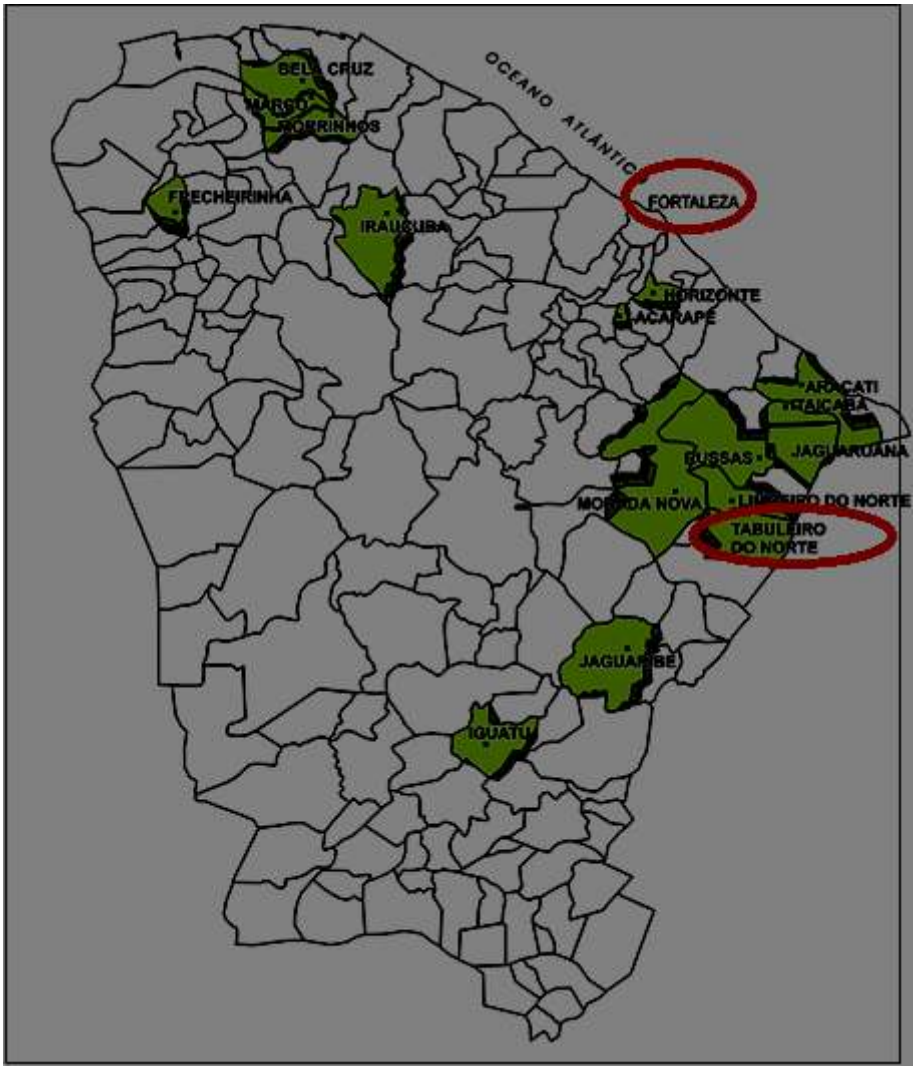
Dessa forma, fez-se a escolha da indústria metalmecânica da cidade de Tabuleiro do Norte no Estado do Ceará para a realização desta pesquisa em virtude dos levantamentos exploratórios preliminares terem mostrado que é um pequeno polo industrial com tradição local na produção de máquinas, peças, e adaptações mecânicas sendo reconhecido potencialmente na região do Baixo Jaguaribe no Estado do Ceará (AMARAL FILHO et al, 2002).

A cidade de Tabuleiro do Norte é uma pequena cidade do interior do Estado do Ceará que tem como destaque econômico principalmente as atividades ligadas ao comércio, serviços, transportes rodoviários de cargas e na indústria metalmecânica (OLIVEIRA FILHO, 2003).

Conforme a figura 1, esse pequeno polo produtivo loca-se na cidade de Tabuleiro do Norte, que dista 210 km² de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, e se constitui por pequenas e médias empresas no ramo metalúrgico e mecânico. Sendo assim, é denominado de núcleo

produtivo local, pois apresentam características específicas de um determinado território com pouco capital investido e mantido, em especial, pelas relações familiares por servirem tanto como mão de obra na produção quanto nas instruções dos seus descendentes.

Figura 1 - Núcleos produtivos locais



Fonte: Modificado de Amaral Filho et al. 2002, p. 11.

Contudo, o apontamento da indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte aliado à discussão sobre o privilegio das grandes indústrias, a partir da abertura da economia brasileira ao processo de globalização orientada pelas políticas de cunho neoliberal, leva-nos a questionar quais foram os motivos dessa indústria metalmecânica conseguir permanecer produzindo mesmo diante do cenário desfavorável para os pequenos produtores na competitividade com as grandes corporações produtivas a partir de 1990?

Partimos de algumas hipóteses para tal permanência e consolidação dessa indústria na cidade de Tabuleiro do Norte, dentre os quais os fatores de ordem de vocação local das famílias. Isso, pois, a tendência geral pautado na competitividade tem forçado muitas pequenas empresas a fecharem suas portas por não conseguirem manter o mesmo padrão produtivo e de gestão das grandes corporações transnacionais.

Assim, concordamos com Carlos (1997), que defende a ideia da origem das atividades produtivas às necessidades históricas, portanto, aos fatores locacionais. Nesse sentido, inferimos que a tradição histórica da indústria metalmecânica na produção de peças, de máquinas e das adaptações mecânicas na região jaguaribana pode ter sido relevante para sua permanência.

Produção do espaço e globalização econômica

De acordo com Batista Júnior (1998, p.125), a globalização presente na contemporaneidade pode ser considerada como realidade, bem como mito. Isso porque tem servido a propósitos variados, pois "[...] no plano editorial, por exemplo, ajuda a vender jornais, revistas e livros superficiais. Nos planos econômicos e políticos, contribui para adaptar países ingênuos e despreparados na malha dos interesses internacionais dominantes".

Portanto, esse tema vem sendo discutido não somente pela literatura acadêmica, mas também por revistas, jornais especializados no mercado financeiro de acordo com os desejos de grandes instituições supranacionais como FMI- Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, BIRD).

Para Harvey (2006:99), "[...] a globalização é sem dúvida o resultado de uma cruzada geopolítica empreendida pelos Estados Unidos (com alguns notáveis aliados, como a Grã-Bretanha no período thatcherismo). "

Nesse sentido, o termo globalização nada mais seria do que uma ideologia das revistas do mercado financeiro que tem como propósitos alienar os territórios e inseri-los na competitividade neoliberal sob a ótica desses atores hegemônicos que fazem parte do centro do sistema capitalista de produção. Essas novas políticas competitivas visam à intervenção flexível dos governos, onde o mercado é colocado como regulador pelos teóricos que defendem essa ideia de economia global.

Para Dowbor (1999, p. 11) e Ianni (1999, p. 27), existe sim uma globalização, mas que está sendo articulada pelas ideias e pelas práticas de cunho neoliberal comandada pelas

grandes corporações capitalistas e de instituições políticas com poder de regulação internacional, aliadas a reestruturação produtiva aos moldes *Just-in-time* com adesão de tecnologia de ponta como a informatização e a robotização da produção.

No entanto, o Estado moderno no processo de globalização capitalista não sumiu e nem perdeu seu papel como regulador da produção, distribuição e mercado consumidor, mas tem se redefinido para atender às novas exigências da dinâmica econômica da contemporaneidade, acumulação flexível.

Nesses moldes, portanto, o Estado brasileiro também tem procurado enquadrar-se nessa conjuntura internacional, com o foco das políticas públicas voltadas para o neoliberalismo de sua economia. Dessa forma, qualquer tentativa de entender os processos regionais deve colocar o Estado em primeiro plano (BECKER, 2000).

Outro fator relevante da importância do Estado se trata de sua capacidade para gerenciar e redimensionar as estruturas históricas preexistentes na região em que atua. Não obstante, ressalta-se que o Estado não tem se ausentado de suas ações sobre os territórios locais, mas se reestruturado diante das transformações socioespaciais da contemporaneidade nos moldes do sistema capitalista de produção. Em concordância com George Benko,

> É claro que o tempo das Nações não terminou, e os Estados continuam exercendo um papel crucial em muitas áreas (notadamente na formação, nos equipamentos, nos transportes, etc.); mas, preso entre a dimensão local e a global, seu lugar na economia foi redefinido (BENKO, 2001, p. 2).

O Estado brasileiro a partir da década de 1990 adere ao modelo ideológico da globalização da economia neoliberal, ajustando-se à bula do Consenso de Washington, ocorrido em 1989 nos Estados Unidos, o qual impôs medidas a serem adotadas como reformas estruturais liberalizantes, privatizações, liberação comercial na competitividade capitalista global. Para os defensores dessas políticas liberais seria uma via única para afirmação dos Estados-nações na geopolítica mundial.

No espaço brasileiro, as primeiras medidas foram às privatizações dos setores básicos da economia- mineral, comunicação, siderúrgica, energia, bancos entre outros- além dos incentivos fiscais e territoriais aos grandes atores hegemônicos do capitalismo internacional (BATISTA JUNIOR, 1998, p. 128).

Nesse contexto de reestruturação, Araújo (2004) ressalta que o ambiente econômico brasileiro sofreu grandes mudanças na década de 1990. Dentre as principais destacam-se intensa e rápida política de abertura comercial, priorização à integração competitiva, reformas profundas na ação do Estado.

Dessa forma, os capitais privados nacionais sofrem grandes mutações em favorecimento do grande capital transnacional que se instala definitivamente em uma relação verticalizada de subordinação à logística do capital internacional.

De acordo com Haesbaert (2006), as pequenas indústrias locais ficaram a mercê da lei de mercado globalizado que passaram a sofrer altas taxas de juros, falta de infraestrutura e de incentivos públicos em detrimento do atendimento das necessidades capitalistas das grandes corporações transnacionais de atuação e de dominação no espaço global. Ademais, somam-se a isso alguns entraves provocados pela competitividade entre as grandes e pequenas empresas internacional/nacional.

Dado exposto, quando todos pensavam que as pequenas empresas estariam fadadas ao desaparecimento, alguns polos permanecerem em territórios com menor fluidez. Para Araújo (2000, p. 112), "esses espaços surgem nas chamadas brechas ou nos espaços onde atores globais não chegaram seja por desinteresse ou pela dinâmica específica de certas atividades."

Na visão de Santos (1999), as conjunturas das políticas econômicas globais têm provocado também resistências dos territórios menos competitivos, pois têm sobrevivido por diversas estratégias estruturantes. Isso ocorre pelo motivo dos atores hegemônicos (grandes empresas) produtores do espaço criam por si só a própria escassez, pois quando impõem a racionalização do espaço deixam de fora os sujeitos irracionais- produtores menores.

Por outro lado, os pequenos produtores ao se defrontarem com os problemas provocados pela exclusão encontram novas alternativas indispensáveis às suas sobrevivências cotidianas. Assim sendo, configura-se outra lógica contrária a imposta pelos grandes agentes que desterritorializam as populações locais.

De acordo com Dowbor (1999, p. 11), no bojo dessas mutações nas políticas econômicas globais é crucial que "a reforma do estado tem um norte fundamental: humanizar e reequilibrar a sociedade. As empresas têm de assumir a sua responsabilidade social e ambiental neste processo". No entanto, na lógica da competitividade orientada por uma concepção neoliberal tal condição inexiste em grande parte dos Estados, uma vez que estão se reconfigurando em nome de uma globalização tanto das grandes empresas como das instituições de poder global para atender as necessidades da lógica reprodutiva da mais valia em âmbito global.

No entanto, Milton Santos (2000) coloca que esse processo de globalização econômica, que tem acarretado a expropriação e a alienação em escala planetária, não é o fim

da história das sociedades. As novas técnicas não devem ser ignoradas no campo das lutas sociais, pois trazem possibilidades para realizações de mudanças contra a realidade contraditória da lógica das grandes empresas em funcionamento no sistema capitalista de produção. Portanto, é possível uma outra globalização em que os atores marginalizados deixem a situação de meros espectadores para serem os protagonistas da história em prol de uma sociedade com justiça espacial (SANTOS, 2000).

Indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte, Ceará

As pequenas indústrias no Brasil começaram a enfrentarem mais intensamente a competição com os grandes setores industriais a partir da reestruturação socioprodutiva iniciada na década de 1980 nos países centro do capitalismo global e incorporados ao Brasil, principalmente a partir de 1990. Essas mutações podem ser observadas através das mudanças estruturais que passaram o Estado brasileiro no conjunto dos novos direcionamentos das políticas econômicas, sociais e culturais.

Algumas dessas mudanças vão decorrer principalmente dos efeitos da abertura econômica ao capital internacional que impôs receitas a serem seguidas 'religiosamente' no sentido de prover políticas neoliberais.

No entanto, essas políticas têm o sentido de fortalecer ainda mais a (re) produção do grande capital, principalmente das grandes corporações industriais transnacionais que tiveram cada vez mais privilégios fiscais e produtivos em relação às pequenas indústrias. Dessa forma, tem se desterritorializado muitas populações em nome de uma globalização que não respeita as condições socioambientais dos territórios locais (SANTOS, 2000).

A grande desvantagem dessa promoção da intensificação competitiva com os grandes produtores é que "o produto chega a preços que desestruturam os sistemas produtivos da Argentina, do Brasil e de tantos outros" (DOWBOR, 1999, p. 15). Isso tudo, tem criado, na verdade, uma desvantagem comparativa, pois os pequenos setores produtivos têm dificuldade de acompanhar as intensas mudanças de inovação e gestão das novas tecnologias concentradas nas grandes corporações produtivas transnacionais.

Nessa estruturação, em consonância com Corrêa (2001), o projeto de reorganização capitalista no espaço desejado desde a Segunda Guerra Mundial pelas grandes corporações transnacionais tem se instaurado nos países mais pobres com a ajuda do Estado nacional ou local.

Em contraponto a isso, a ausência de apoio institucional do Estado para os setores industriais menos competitivos no espaço brasileiro, principalmente nas regiões menos dinâmicas, já se caracterizava por um quadro recessivo nas políticas públicas em detrimento do grande capital corporativo.

No entanto, tudo isso foi intensificado com a internacionalização da economia brasileira em escala planetária, que tem degradado ambientalmente e socialmente os territórios locais em detrimento da maximização da acumulação dos atores hegemônicos do capitalismo em escala mundial (BATISTA JUNIOR, 1998).

A região Nordeste é um dos exemplos dessa negligência Estatal para as pequenas indústrias locais nos territórios menos competitivos, pois as próprias instituições do Estado, como é o caso da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) criado pelo governo federal, ainda nos fins dos anos 50, apontavam carências regionais significativas.

O diagnóstico dessa instituição mostrou, além do discurso sobre a culpa do atraso da região em algumas condições como nas climáticas e nas defasagens nas infraestruturas. Dessa forma, tais discursos tentam esconderem o direcionamento das políticas públicas tanto para atender as áreas mais dinâmicas como aos grandes produtores, principalmente da Região Concentrada do país (SANTOS 2008).

Diante dessas contradições, permaneceu uma estrutura produtiva na qual os pequenos produtores locais apresentam gritantes disparidades em relação aos grandes produtores, e assim, tem prejudicado a permanência e a consolidação desses produtores industriais (ANDRADE, 2002; ARAÚJO, 2000).

No Estado do Ceará essas disparidades também são observadas, pois a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) detém as melhores condições logísticas- estradas, portos, energia, infovias como também os incentivos públicos, empréstimos públicos e infraestrutura. Logo, levam-se vantagens comparativas em relação ao interior do Estado do Ceará.

Dessa forma, a pequena indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte também se insere nessa dinâmica global dos acontecimentos, pois também apresentam as contradições, os entraves, bem como resistências ao projeto de expansão do sistema capitalista de produção pelos grandes agentes produtores do espaço (SILVA, 2000).

Conforme se apresenta no quadro 1, a indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte se constitui por um polo de pequenas produções de tradição local subdividido em dois segmentos complementares à produção fabril e a prestação de serviços mecânicos. No

primeiro caso, tem-se a fabricação de máquinas, peças e, por conseguinte, a prestação de serviços mecânicos em gerais.

Quadro 1- Indústria metalmecânica

Produção fabril.	**Prestação de serviços.**
Engrenagens, máquinas para a indústria de cerâmica vermelha.	Usinagem.
Máquinas de suporte à agricultura (debulhadores de feijão, forrageira).	Frenagem.
Bombas de sucção.	Soldagem.
Carregadores eólicos de baterias.	Calandragem.
Molas para veículos utilitários entre outros.	Manutenção
Confecção de portões, grades de ferro, bancos e postes de jardins, janelas metálicas.	Reparos em veículos leves e pesados.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

A história desse setor baseia-se na vocação da região jaguaribana e dos tabuleirenses no ramo metalúrgico e mecânico, tendo em vista que suas experiências foram transmitidas tacitamente de geração a geração como alternativas de permanência na falta de recursos técnicos e financeiros pelo qual configurou o quadro das pequenas fábricas em nível de sobrevivência (ÁLBUM DO JAGUARIBE, 1922; MAIA, 1998).

Não obstante, apesar da ausência de políticas públicas para a região Nordeste, no entanto, a particularidade da intervenção da SUDENE promove certas condições para o desenvolvimento desse polo industrial. Isso porque a partir dos anos 1960, com a necessidade da integração física da região Nordeste à economia nacional, na qual se dar, principalmente, com a construção da BR-116 e das rodovias estaduais que passaram a interligar a região Jaguaribana aos grandes centros econômicos do país como o eixo Rio-São Paulo.

Essas estruturas espaciais foram relevantes para esse setor produtivo, pois, de acordo com Milton Santos (2008, p. 87), "[...] quem menos tem poder de movimento mais depressa vê desvalorizar-se seu produto e seu meio de trabalho". Dessa forma, as novas infraestruturas implantadas foram um marco tanto para a região Jaguaribana como para a cidade de Tabuleiro do Norte, pois se permitiu o aperfeiçoamento dos fluxos de matéria-prima e do escoamento dos produtos da indústria metalmecânica.

É importante frisar que essa indústria, em Tabuleiro do Norte, também se insere mesmo que indiretamente no contexto da competitividade da internacionalização econômica

e, portanto, da ausência de apoio institucional do Estado em detrimento dos grandes capitalistas tanto nacionais como internacionais.

Nesse sentido, ela passou a relacionar-se com a socialização dos problemas provocados pela abertura da economia brasileira ao capitalismo internacional do privilegiamento dos grandes setores industriais em detrimento dos pequenos. Além disso, somam-se os fatores de ordem internos como: baixa qualificação gerencial dos empresários, deficiências no treinamento técnico dos trabalhadores, o não acesso às técnicas modernas de engenharia de produção - como a informatização, robotização nos moldes *Just-in-time* (produção na hora e quantidade certa).

Isso tudo pode acarretar redução de produtividade, falta de padronização dos produtos, instalações físicas inadequadas, superexploração da força de trabalho, além dos impactos socioambientais que as indústrias podem causar.

No entanto, mesmo com todos os entraves enfrentados pelas pequenas indústrias tradicionais brasileira na competitividade com grandes empresas industriais a partir 1990, a indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte permaneceu sua produção e ganhou destaque no Estado do Ceará.

O pequeno polo industrial conta com o quadro de 46 empresas registradas que tinha em 2002 absorvia de 1000/2000 trabalhadores direto ou indireto. Ademais, estima-se já 2010 a quantidade de empregos gerados ultrapasse a esses números na cidade de Tabuleiro do Norte. Esse potencial industrial vem se destacando no Estado do Ceará e na região jaguaribana na produção de maquinários, peças e adaptações mecânicas para os setores-agropecuários, industriais, automotivos e motocicletas (AMARAL FILHO, 2002).

Diante desse contexto da competitividade dos setores industriais promovidos pela abertura da economia brasileira aos grandes agentes do capitalismo internacional na década de 1990 e da situação problemática das pequenas indústrias locais no Brasil. Aliadas também a subordinação do poder público, pois alguns estão cada vez mais "[...] aceitando uma ordem de prioridades que privilegiam alguns poucos atores, relegando todo o resto" (SANTOS, 1999, p. 245). Sendo assim, levou-nos a questionar as causas da permanência do pequeno polo industrial metalmecânica na cidade de Tabuleiro do Norte?

Em diálogo com Santos (1999), infere-se que o projeto de abertura da economia brasileira ao capital internacional tem dado privilégios aos grandes setores produtivos em detrimento dos pequenos setores industriais. Os Estados nacionais têm cedido, assim, as imposições dos ditames das grandes corporações transnacionais.

Contudo, os espaços não são neutros e também propiciam resistências. Dito isso, os fatores locacionais voltados, em especial, à tradição das famílias da cidade de Tabuleiro do Norte, em passar o saber-fazer para os seus descendentes, foram identificados nesta pesquisa como fundamentais para permanência da indústria metalmecânica perante a influência da totalidade por meio da competitividade com as grandes corporações produtivas no mundo globalizado.

Tal permanência e consolidação dessa indústria na cidade de Tabuleiro do Norte, dentre os quais os fatores de ordem de vocação local das famílias. Isso, pois, a tendência geral pautada na competitividade tem forçado muitas pequenas indústrias a fecharem suas portas por não conseguirem manter o mesmo padrão produtivo e de gestão das grandes corporações transnacionais.

Assim, em concordância com Carlos (1997), que defende a ideia da origem das atividades produtivas às necessidades históricas, portanto, aos fatores locacionais como a tradição da indústria metalmecânica na produção de peças, de máquinas e de adaptações mecânicas na região jaguaribana podem garantir a sua permanência.

As transformações dos equipamentos mecânicos desde o final do século XIX como os cata-ventos para serem utilizados na irrigação de produtos agrícolas e no abastecimento de água para o consumo doméstico já se estabelecia uma resistência às contradições oriundas das desigualdades socioespaciais.

Condições existentes ainda em meados de 2010, pois a pesquisa em campo mostrou tais realizações como adaptações de produção de máquinas e de peças para o setor metalúrgico e mecânico.

Outra possibilidade, segundo Santos (2006, p. 87) é a importância dos sistemas de fixos-fluxos modernos como pontos estratégicos fortalecedores da seletividade dos lugares e da permanência no sistema de acumulação flexível, tendo em vista que a produção "[...] se internacionalizou e, por conseguinte, tem de ser distribuído através de todo o mundo, sem respeitar as fronteiras nem as distâncias."

Sendo assim, não basta apenas produzir, mas, sobretudo ter a capacidade técnica de escoar e vender toda uma produção em escala mundial. Nesse sentido, as configurações territoriais - fixos e fluxos da metalmecânica de Tabuleiro do Norte podem não ter ainda atraído atenção estratégica de outras indústrias similares nesse setor produtivo.

Dessa maneira, isso pode ter fortalecido a metalmecânica pela não seletividade dos atores hegemônicos na espacialidade dessa cidade, somando-se ao fator cultural da tradição

local de passar os conhecimentos do saber-fazer entre os grupos familiares. Portanto, tais fatores tem garantido a resistência desse pequeno polo industrial na cidade de Tabuleiro do Norte no Estado do Ceará mesmo se apresentado com graves problemas e com futuro incerto.

Considerações finais

Para Sene (2010), a globalização nada mais é do que o processo de expansão do modo de produção capitalista que passou por algumas fases como capitalismo comercial, industrial, financeiro, e informacional. Sendo a etapa informacional o período em que se consolida o processo de expansão do capital, propiciada pelos avanços tecnológicos, principalmente nas telecomunicações e nos meios de transportes que tem permitido o aumento no fluxo de pessoas, de mercadorias e de informações em escala e velocidade jamais vista. Assim, o capital produtivo tem sido induzido a sofrer reestruturações produtivas no decorrer do seu processo histórico de acumulação.

Por fim, a indústria metalmecânica de Tabuleiro do Norte também tem passado por essas mutações mesmo que incipiente, mas preliminarmente se tem procurado outras estratégias de reprodução do capital.

Dessa forma, conforme mencionamos no decorrer deste trabalho, mesmo com todos os aspectos negativos do processo da competitividade e seletividade do capital no processo de globalização da economia brasileira pós-1990. De acordo, com a teoria de Santos (2008), ela está ainda 'sobrevivendo' nesse contexto de inclusão dos grandes e exclusão dos pequenos produtores, no entanto, está oscilando entre o circuito inferior da economia, mas com alguns requintes do circuito superior da economia.

Enfim, esse setor se apresenta como uma potencialidade para a dinamização da economia local em virtude do caráter de tradição local que tem sido passada de geração a geração; além de se constituído na região jaguaribana como núcleo produtivo local reconhecido pelos jaguaribanos no Estado do Ceará.

REFERÊNCIAS

ÁLBUM DO JAGUARIBE (Org.) **Instituto do Ceará**. Belém: Empresa Gráfica Amazônia, 1922.

ALVES, Maria Odete. Perfil das atividades não agrícolas no rural do polo de desenvolvimento do agronegócio do Baixo Jaguaribe: resultados preliminares. In: Artigo apresentado no XLI

Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2003. **Anais**… Juiz de Fora-MG: UFMG, 2003.

AMARAL FILHO, Jair do. Núcleos e Arranjos produtivos locais: casos Ceará. In: Seminário internacional políticas para sistemas produtivos locais de MPME, 2002. **Anais**… Rio de Janeiro: UFRJ, 2002. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://www.ie.ufrj.br/redesist/NTF2/NT%2520Jair.PDF > acesso em: 21 de Outubro de 2007.

ANDRADE. Manuel Correia de. O sentido do nordeste. **Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco**, Recife, março/abril 2002. Disponível em: <http://www.fundaçãojoaquimnabuco.br >. Acesso em: 20 de julho, 2008.

ARAÚJO, Tânia Barcelar de. **Ensaios sobre o desenvolvimento brasileiro**. Rio de Janeiro: Revan, 2000.

BECKER, Bertha. A geopolítica na virada do milênio: logística e desenvolvimento sustentável. In: CASTRO, Iná Elias de. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de janeiro: Bertrand, 2000.

BENKO, Georges. **Economia, espaço e globalização**: na aurora do século XXI. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. 3. ed. São Paulo: Ascite 2002.

BATISTA JÚNIOR, Paulo Nogueira. Mitos da globalização. **Revista Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**, São Paulo, n. 12 (32), 1998.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço e indústria**. São Paulo, contexto, 1997.

_____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

DOWBOR, Ladislau; Ianni, Octavio. **Desafios da globalização**. São Paulo: Vozes, 1999.

HARVEY, David. **Espaços da esperança**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

HAESBAERT, Rogério et al. **A nova des-ordem mundial**. São Paulo: Unesp, 2006.

LESSA, Sérgio. **Introdução a filosofia de Marx**. São Paulo: expressão popular, 2008.

MAIA, Gumercindo Cláudio. **Tabuleiro de Areia minha terra**. Tabuleiro do Norte: Gráfica Alves, 1998.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste planejamento e conflitos de classes .3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA FILHO, Severino Francisco de. **Identificação de áreas degradadas no município de Tabuleiro do Norte – CE, com ênfase às formações de floresta**

dicótilo/palmácea. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

SENE, Eustáquio de. **Geografia geral e do Brasil**: espaços geográficos e globalização. São Paulo: FNDE, 2012.

SILVA, José Borzacchiello da. **Uma nova história do Ceará**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**; técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. **O espaço dividido**. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

_____. **Metamorfose do espaço habitado**. São Paulo: Edusp, 2006.

_____. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Record, 2000.

_____. **Por uma geografia nova**. São Paulo: HUCITEC, 1986.

_____
Recebido em: 20 nov. 2018
Aceito para publicação em: 26 mar. 2019